

ORATÓRIA CICERONIANA

Prof. Dr. José R. Seabra F. (FFLCH – USP)

RESUMO: Breve histórico da carreira literária de Cícero, quanto à oratória. Análise do trabalho do escritor em passar para o mundo da Roma antiga – e para a literatura latina – os preceitos gregos da arte da palavra, à qual ele em especial se dedicou durante toda a vida. Visão de seus principais tratados de retórica e de seus mais divulgados discursos. O valor dessas obras ciceronianas. As qualidades do texto; o uso da linguagem ideal; a cultura e a postura do orador.

Palavras-chave: Literatura clássica; eloquência greco-romana; Cícero.

Como arte da composição do discurso - forma literária de grande importância para a carreira política -, a oratória está presente por isso mesmo desde os primórdios da literatura da Roma antiga. A respeito de Catão, considerado o fundador da prosa latina, Cícero escreve (*Brutus*, XVI, 63): *Catonis autem orationes non minus multae fere sunt quam Attici Lysiae cuius arbitror plurimas esse* [e de Catão os discursos são quase tantos quantos os do ático Lísias, de quem considero serem numerosos]. Ora dos discursos todos de oradores anteriores a Cícero praticamente sobraram apenas fragmentos coletados a partir de citações de escritores da antiguidade. Parece que já no tempo de Cícero muito texto do gênero estava ficando no esquecimento, e daí se perdia. Cícero, no mesmo trecho em que diz ter achado e lido mais de 150 discursos de Catão, reclama (*ibid.*, XVII, 65): *Catonem uero quis nostrorum oratorum, qui quidem nunc sunt, legit ?* [e Catão, quem em verdade de nossos oradores que hoje vivem leu ?]. A oratória em Roma se desenvolveu tanto pela influência de oradores gregos como a partir da técnica oratória grega, mas é válido considerar que mesmo antes da influência grega o gênero tenha tido sucesso entre os romanos antigos. E a explicação é a política, ou mais exatamente, o regime político conhecido como república consular. Durante esse período republicano, desde o século V a. C. até praticamente a época de Cícero, o senado tinha então atividade política expressiva, era centro de governo democrático - embora democracia de patrícios -, era também consequentemente centro de debate. Ali se decidiam as questões do Estado - e daí a necessidade e força do discurso por parte dos senadores. Para seguir carreira política, fazia-se indispensável a aprendizagem e o desenvolvimento da arte oratória. E dessa oratória romana, baseada na técnica oratória grega, o ponto máximo foi Cícero.

Pode-se considerar o início da carreira literária de Cícero em 86 a. C. aproximadamente, com a publicação do tratado *De inuentione*, baseado em princípios gregos da arte oratória. Essa obra inicial trata da invenção, em sentido retórico, como método de achar e elaborar ideias e argumentos para a composição do discurso. Mais tarde, em 81, aparece o primeiro discurso: *Pro Quinctio*. Daí então a carreira segue muito fértil em produções, até o ano de 43, com as últimas *Philippicae orationes* e as derradeiras cartas. Toda essa produção se constitui de peças oratórias (discursos políticos e discursos judiciais), tratados de retórica, tratados filosóficos e cartas. Das orações políticas sobressaem as *Catilinárias*, série de quatro discursos contra Lúcio Catilina, senador que se candidatava ao consulado; e as *Filípicas*, acima mencionadas, que se constituem de catorze discursos contra Marco Antônio, em quem Cícero via atuação social e política prejudicial à consolidação do regime republicano e à liberdade do cidadão romano. Na parte final da *Segunda Filípica* o orador resume sua ardorosa defesa da república e aproveita para fazer referência a sua luta política de vinte anos antes contra Catilina (*Filípica*, II, XLVII, 118): *defendi rem publicam adulescens, non deseram senex; contempsi Catilinae gladios, non pertimescam tuos* [quando jovem, defendi a república; velho /agora/, não /a/ deserdarei; desprezei os gládios de Catilina, não terei medo dos teus] diz ele, dirigindo-se a Marco Antônio. Ainda dentre as orações políticas aparecem as *Verrinas*, série de sete discursos contra Caio Verres, procônsul da Sicília, acusado de corrupção e má administração pública. Das orações judiciais sobressaem: *Pro Murena* (63 a. C.) proferida em favor de Murena, acusado de corrupção; *Pro Milone* (52) em favor de Milão, acusado de assassinio; *Pro Archia* (62) em favor de Árquias Licínio, poeta cujo nome hoje só é conhecido graças ao discurso de Cícero. Ao defender Árquias, acusado de desfrutar indevidamente das prerrogativas de cidadão romano, Cícero acaba defendendo também a importância dos poetas e apresentando um elogio da literatura artística. O discurso apresenta até trechos de meditação sobre a existência (*Pro Archia*, XI, 29): *Certe si nihil animus praesentiret in posterum, et si quibus regionibus uitae spatium circumscriptum est, iisdem omnes cogitationes terminaret suas, nec tantis se laboribus frangeret, neque tot curis uigiliisque angeretur, nec totiens de uita ipsa dimicaret* [certamente se o ânimo nada pressentisse em relação ao porvir, e se terminasse todas as suas cogitações naquelas mesmas regiões pelas quais a extensão da vida foi confinada, não se dilaceraria em tantos cuidados e vigílias, nem combateria tantas vezes pela própria vida]. Concebidos como textos artístico-literários, os discursos ciceronianos - repletos de reflexões filosóficas, de ensinamentos, de história, de técnicas da redação e da arte retórica - vão além do objetivo prático para o qual foram escritos. É provável que o orador os reelaborasse para publicação, e

que alguns nem sequer fossem proferidos mas só publicados. Quanto aos tratados de retórica, além do já citado *De inuentione*, surgem mais tarde obras mais importantes neste gênero: *De oratore* (de 55), *Brutus* (de 46), *Orator* (de 46), *Partitiones oratoriae* (45), *Topica* (44), *De optimo genere oratorum*. Constituem tais obras, na literatura latina, os principais textos sobre as técnicas do discurso e a arte de bem falar. A base aí é sempre a oratória clássica grega. Desde o primeiro deles, o escritor começa a passar para a literatura latina os conceitos todos da técnica criada e aperfeiçoada pelos gregos. Mas sobressaem três: *De oratore*, em três livros, *Brutus*, *Orator*, que apresentam o principal de toda a reflexão ciceroniana sobre a arte da palavra, do discurso, da composição de textos - conforme também a opinião do próprio Cícero (*De diuinatione*, II, I, 4): *Cumque Aristoteles itemque Theophrastus, excellentes uiri, cum subtilitate, tum copia, cum philosophia dicendi etiam praecepta coniunxerint, nostri quoque oratorii libri in eumdem numerum referendi uidentur. Ita tres erunt de oratore, quartus, Brutus, quintus, orator*. [E como Aristóteles e igualmente Teofrasto, excelentes varões, com sutileza, então abundância, com a filosofia tenham ajuntado os preceitos do dizer, nossos livros oratórios também parecem dever ser referidos no mesmo número. Assim três serão *De oratore*, o quarto, *Brutus*, o quinto, *Orator*.]

Obra em três livros, *De oratore* apresenta concepção filosófica da eloquência, trata de questões sobre os fundamentos filosóficos da arte de persuadir. Não é a eloquência que nasceu da retórica, é a retórica (a arte de convencer) que nasceu da eloquência: *Intellego ... esse non eloquentiam ex artificio, sed artificium ex eloquentia natum* - *De oratore* I, XXXII, 146. A eloquência precede a retórica; a retórica saiu de exemplos dados por oradores. Antes de falar, conhecer, estudar, refletir sobre o assunto, o orador deve preparar-se em tudo: direito, literatura, filosofia, história, ciências. Tal para Cícero a base da arte oratória. E daí a imagem do orador ideal: homem de cultura e de ação. O objetivo portanto é estabelecer que a verdadeira eloquência pressupõe estudo geral das ciências humanas, e daí ser ela a mais difícil das artes: para tornar-se orador, os mestres, as regras, os exercícios ordinários não bastam. Sendo o tratado em forma de diálogo, Cícero põe entre os interlocutores personalidades da história romana, dentre as quais os oradores e políticos: Lúcio Licínio Crasso, que representa as ideias do próprio Cícero, e Marco Antônio, o avô do triúnviro de mesmo nome. Em resumo, Crasso: concepção elevada da eloquência; conhecimento das leis, dos costumes, da natureza humana, tudo isso é necessário ao orador, pois só se pode falar bem do que se conhece; daí a necessidade da leitura e crítica de obras literárias, dos estudos gerais de direito e de história, dos exercícios de declamação, de composição escrita, de tradução, e até da voz e

da memória (*De oratore*, 157): *exercenda est etiam memoria ediscendis ad uerbum quam plurimis et nostris scriptis et alienis* [deve-se até exercitar a memória com os numerosos textos tanto nossos como alheios, que devem ser decorados textualmente]; Marco Antônio: opinião diferente. Para Marco Antônio, o ideal de Crasso é difícil de atingir, pois a eloquência é assunto de prática, e não há tempo para estudar profundamente todas as matérias; o orador portanto não precisa ser um conhecedor enciclopédico, mas um prático.

O tratado *Brutus*, em forma de diálogo entre Cícero e seus dois amigos Ático e Bruto, apresenta um panorama da arte oratória, resumidamente, entre os gregos, e em seguida, exposta mais extensamente, entre os romanos. A eloquência em Roma é apresentada desde as origens, com Catão o Antigo e seu tempo. Bruto, um dos dialogantes, apoia a tese defendida em *De oratore*: a arte da palavra é a mais difícil de todas; exige dom, qualidades naturais de corpo e mente, prática, educação literária, filosófica, jurídica, conhecimentos gerais. Tal concepção do orador ideal perpassa pelas análises feitas sobre oradores, desde os antigos da época de Catão. Na análise a respeito de Tibério Graco e contemporâneos, por exemplo, consta (XXVIII, 110): *Neque enim refert uidere quid dicendum sit, nisi id queas solute et suauiter dicere. Ne id quidem satis est, nisi id quod dicitur fit uoce, uultu motuque conditius*. [Nem efetivamente interessa ver que é que deva ser dito, caso não sejas capaz de dizê-lo de modo desembaraçado e suave. Nem sequer isso basta, se o que é dito não se torna mais realçado (condimentado, temperado) pela voz, pelo semblante, pelo gesto]. Embora seja mais um histórico sobre oradores famosos, o tratado apresenta no entanto contribuições para o aperfeiçoamento do orador. E aliás sobre as qualidades do orador, e o efeito do discurso sobre os ouvintes, e a opinião dos especialistas, Cícero diz a Bruto e a Ático (XLIX, 185): *Tria sunt enim, ut quidem ego sentio, quae sint efficienda dicendo; ut doceatur is apud quem dicetur, ut delectetur, ut moueatur uehementius. Quibus uirtutibus oratoris horum quidque efficiatur aut quibus uitiis orator aut non assequatur haec aut etiam in his labatur et cadat, artifex aliquis iudicabit. Efficiatur autem ab oratore necne, ut ei qui audiunt ita afficiantur, ut orator uelit, uulgi assensu et populari approbatione iudicari solet. Itaque numquam de bono oratore aut non bono doctis hominibus cum populo dissensio fuit*. [Três são com efeito, conforme certamente eu sinto, os efeitos que devam ser obtidos no discursar: que aquele, diante do qual se discursa, seja instruído, que seja deleitado, que seja abalado mais veementemente. Por quais qualidades do orador se obtenha desses efeitos e como, ou por quais falhas o orador ou não atinja essas coisas ou então nelas derrape e caia, algum perito em arte /oratória/ julgará. Que seja obtido porém ou não pelo orador, que para este os que ouvem assim sejam afetados,

como o orador queira, pelo assentimento do vulgo e pela popular aprovação costuma ser julgado. E assim nunca acerca do bom orador ou do não bom houve divergência de opinião entre os especialistas e o povo.]

Também de 46, mas escrito depois de *Brutus*, *Orator* é uma espécie de complemento do *De oratore*. Em *Orator*, Cícero procura apresentar o retrato do orador ideal. Daí a indicação das três tarefas do orador (XIV, 43): *Quoniam tria uidenda sunt oratori, quid dicat et quo quidque loco et quo modo, dicendum omnino est quid sit optimum in singulis, sed aliquanto secus atque in tradenda arte dici solet. Nulla praecepta ponemus, neque enim id suscepimus, sed excellentis eloquentiae speciem et formam adumbrabimus, nec quibus rebus ea paretur exponemus, sed qualis nobis esse uideatur*. [Porquanto três coisas devem ser consideradas pelo orador: o que diga e em qual ordem e de que modo, deve-se dizer o que absolutamente seja o melhor para cada um desses pontos, mas de maneira um tanto diferente da que costuma ser dita no ensinamento da arte /retórica/. Não proporemos nenhum preceito, nem efetivamente assumimos isso, mas da excelsa eloquência esboçaremos a aparência e a forma, e não exporemos com quais meios ela se apresente, mas qual ela nos pareça ser.] Último publicado dos grandes tratados sobre retórica, *Orator* dá então sequência aos dois acima; os três formam uma espécie de trilogia, o essencial da reflexão ciceroniana sobre o gênero. *De oratore* representa o ideal oratório de Cícero; *Brutus*, um aspecto histórico; *Orator* retoma e desenvolve pontos antes anunciados em *De oratore*. Ao contrário dos dois anteriores, *Orator* não foi escrito em forma de diálogo; e em sua parte essencial - baseada em Aristóteles - analisa os três gêneros de discursos: o judiciário (oradores diante dos tribunais, nos processos civis (*causae priuatae*), ou nos processos criminais (*causae publicae*); o deliberativo (o discurso pronunciado para fazer prevalecer uma opinião ou orientar a opinião, seja numa reunião ou numa assembleia deliberante; o demonstrativo ou laudativo (o discurso de aparato, elogio, oração fúnebre, panegírico). Essa divisão vale para o discurso falado, não necessariamente para o texto escrito, só para ser lido. Outro aspecto desenvolvido diz respeito ao ensinamento da retórica em cinco partes: a invenção: estudo do assunto, busca de argumento e de temas para desenvolver; a disposição: seleção e classificação das coisas para dizer, elaboração de um plano; a memória: recordação de tudo o que se preparou; a elocução: colocação em forma de discurso; a ação: o discurso pronunciado diante do auditório. E para convencer o auditório, o orador dispõe de três meios: 1) instruir o auditório, provar-lhe o que é apresentado (*docere, probare*) – é o apelo à razão, pela argumentação e demonstração; 2) insinuar-se nas boas graças, agradar, encantar (*conciliare, placere, delectare*) – é o apelo ao

sentimento e à simpatia; 3) comover, suscitando no auditório a piedade ou o ódio (*mouere, flectere*) é o apelo à paixão, ao patético. Enquanto o procedimento 1 é objetivo, os procedimentos 2 e 3 são subjetivos - são os meios que os gregos denominam respectivamente o *h)=qaj* e o *pa/qaj* (*Orator*, XXXVII, 128): *Duo sunt enim quae bene tractata ab oratores admirabilem eloquentiam faciant. Quorum alterum est quod Graeci h)qika\ n uocant, ad naturas et ad mores et ad omnem uitae consuetudinem accommodatum; alterum quod idem paqhtila\ n nominant, quo perturbantur animi et concitantur, in quo uno regnat oratio. Illud superius come, iucundum, ad beneuolentiam conciliandam paratum; hoc uehemens, incensum, incitatum, quo causae eripiuntur; quod cum rapide fertur, sustineri nullo pacto potest.* [Duas são com efeito as coisas que, bem tratadas, tornem admirável a eloquência. Uma delas é aquela que os gregos chamam de *h)qika/n*, apropriada para as naturezas e para os comportamentos e para os costumes; outra, aquela que os mesmos denominam *paqhtika/n*, pela qual são perturbados e excitados os ânimos, na qual unicamente reina a oração. Aquela, mais acima, afável, júcunda, preparada para a benevolência que deve ser conciliada; esta, veemente, inflamada, incitada, pela qual as causas são arrebatadas; quando ela rapidamente é levada, de nenhuma maneira pode ser retida.] Enfim a ideia é apresentar ensinamentos e regras para o orador ideal (*orator quem summum esse uolumus* - XIV, 44). Daí uma conclusão pessoal do escritor (XXXII, 113): *Esse igitur perfecte eloquentis puto non eam solum facultatem habere quae sit eius propria, fuse lateque dicendi, sed etiam uicinam eius ac finitimam dialecticorum scientiam assumere. Quamquam aliud uidetur oratio esse aliud disputatio, nec idem loqui esse quod dicere, ac tamen utrumque in disserendo est; disputandi ratio et loquendi dialecticorum sit, oratorum autem dicendi et ornandi.* [Penso então ser próprio daquele que discursa com perfeição não só ter aquela faculdade que lhe seja própria, de falar de maneira profusa e larga, mas também assumir o conhecimento vizinho e limítrofe dos dialéticos. Conquanto uma coisa parece ser o discurso e outra a discussão, e falar não ser a mesma coisa que dizer, e todavia uma coisa e outra está no dissertar; o método de disputar e de falar seja dos dialéticos, dos oradores porém o de dizer e de ornamentar.]

Sobre a arte oratória, que é que Cícero apresenta de novo ? Quase nada que seja substancial, que seja da técnica de composição, tais como as partes do discurso, a invenção, a disposição etc. Em verdade, ele passa para os romanos, para a literatura latina, toda a técnica grega sistematizada na *Retórica* de Aristóteles. Assim como na filosofia, na retórica também Cícero passa o essencial do que foi estudado e desenvolvido pelos gregos. Mas há pelo menos

um ponto a mais, um acréscimo que ele consegue, ao apresentar preceitos sobre a figura do orador, a cultura do orador, a postura, a voz etc. Aí sim está algo a mais, algo de contribuição. Assim na curta obra *De optimo genere oratorum* - escrita, conforme o próprio escritor informa, para prefácio de suas traduções hoje perdidas de discursos de Ésquino e de Demóstenes -, Cícero praticamente repete pontos desenvolvidos em *Orator*, mas talvez em outra perspectiva, de maneira insistente, como para confirmar com outras palavras todo o seu estudo sobre o assunto: *Optimus est enim orator qui dicendo animos audientium et docet et delectat et permouet. Docere debitum est, delectare honorarium, permouere necessarium* [Ótimo é efetivamente o orador que, no discursar, aos ânimos dos ouvintes tanto instrui como deleita e comove. Instruir é /seu/ dever, deleitar /é/ honroso, comover /é/ necessário - *De optimo genere oratorum*, I, 3.] Essa a palavra final sobre o orador, seu trabalho, seu objetivo. E sobre o texto do orador, também a palavra final (*ibid.*, II, 4): *Nam quoniam eloquentia constat ex uerbis et ex sententiis, perficiendum est ut pure et emendate loquentes, quod est Latine, uerborum praeterea et propriorum et tralatorum elegantiam persequamur; in propriis, ut lautissima eligamus, in tralatis, ut similitudinem secuti uerecunde utamur alienis* [pois porquanto a eloquência consta de palavras e de sentenças, é necessário conseguir que nós que falamos de maneira pura e correta, quer dizer latina, persigamos ademais a elegância das palavras, tanto das de sentido próprio como das metáforas; nas próprias, que escolhamos as mais distintas, nas metáforas, que com relação à semelhança usemos assim como com reserva as alheias]. O texto enfim, base da oratória, só pode ser o correto, e a linguagem pura, sem vícios, latina, sem estrangeirismos, distinta no uso da palavra em seu sentido próprio como em seu sentido figurado. A linguagem popular, não atenta a regras gramaticais nem a elegâncias de estilo, não serve para a composição do discurso, e não serve muito menos para a transmissão de todas as sutilezas de pensamentos e intenções do orador.

BIBLIOGRAFIA

CICÉRON, *Brutus* (éd. Jules Martha). Paris, Les Belles Lettres, 1973.

CICÉRON – *L’Orateur / Le meilleur genre d’orateurs*, (éd. A. Yon). Paris, Les Belles Lettres, 1964.

LAURAND, L. *Cicéron est intéressant*. Paris, Les Belles Lettres, 3^e. éd., 1937.